

INFORMAÇÕES

Ordenação Sacerdotal do diácono Moisés: No próximo domingo, dia 30, às 15,30 h., na Sé Catedral de Viana do Castelo, realizam-se as Ordenações de 4 novos padres, entre eles o diácono Moisés, que estagiou na nossa paróquia. É nosso dever marcarmos presença, manifestando a nossa alegria e comunhão com o jovem que partilhou connosco alguns meses da sua vida de entrega no serviço a Deus e à Igreja. Participe!

Inscrições no Grupo de Informática e Comunicação: Continuam abertas as inscrições para o GIC (Grupo de Informática e Comunicação). Pode inscrever-se neste grupo paroquial dando ao pároco o seu nome e o seu contacto, pelos meios tradicionais ou através do e-mail: parouquia.socorro@sapo.pt.

Festa do Padroeiro: Tal como nos anos anteriores, vai realizar-se a Festa do Padroeiro, o Senhor do Socorro, no domingo mais próximo do dia 2 de Fevereiro, dia da criação da nossa Paróquia e Festa Litúrgica da Apresentação do Senhor. Este ano esse domingo é a 6 de Fevereiro. Na véspera, dia 5, às 20 h., como nos 2 anos anteriores, haverá uma Festa/Convívio no Jardim de Infância, aberta a todos os paroquianos. No dia 6, às 10 h., haverá a Eucaristia festiva em honra do Padroeiro, o Senhor do Socorro.

O pároco e a Comissão Fabriqueira pedem que, para o Convívio do dia 5, todas as pessoas se inscrevam, para se poder preparar tudo conforme o nº de inscritos. As inscrições podem ser feitas todos os dias, no Centro de Convívio, durante a semana na parte da tarde, ao domingo, no fim da Missa. No acto da inscrição cada pessoa, se quiser, dá uma oferta em dinheiro, para ajuda da Festa. Também pode indicar o que pretende dar em doces ou salgadinhos para o Convívio. O saldo do Convívio, se o houver, reverterá, como no ano passado, para a construção da nova igreja.

MISSAS

Dia	Hora	Intenções
24	Seg 18,30	José Maria Novo Gonçalves
25	Ter 18,30	Justino Oliveira e familiares; Amadeu Catarino e esposa; António Reto
26	Qua 18,30	Etelvina Martins de Sousa Miranda
27	Qui 18,30	Joaquim da Silva e Margarida Silva; José Ramos e Teresa Loureiro; António Martins Ramos
28	Sex 18,30	Félix Guimarães Barbosa
29	Sáb 18,30	Ana Gonçalves de Barros e Joaquim Rodrigues; Francisco de Passos Pereira da Silva; Maria Alice e Manuel António
30	Dom 10	Rosa Lima e Almas do Purgatório; Manuel Basílio Barcelos Lima; Vítor Manuel

PARÓQUIA VIVA

Nº 184 – 23/01/2005

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: parouquia.socorro@sapo.pt / Web: parouquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



3º Domingo do Tempo Comum - Ano A



«Jesus começou a pregar: “Arrependei-vos, porque o reino de Deus está próximo” ... viu dois irmãos: Simão ... e seu irmão André ... Disse-lhes Jesus: “Vinde e segui-Me e farei de vós pescadores de homens”. Eles deixaram logo as redes e seguiram-no.» (Evangelho)

**Não te deixes vencer pelo mal,
vence antes o mal com o bem**

*Mensagem de João Paulo II para a
celebração do Dia Mundial da Paz,
1 de Janeiro de 2005*

(Continuação)

O facto de pertencer à família humana confere a cada pessoa uma espécie de cidadania mundial, tornando-a titular de direitos e de deveres, visto que os homens estão unidos por uma comunhão de origem e de supremo destino. Basta que uma criança seja concebida para que se torne titular de direitos, mereça atenção e cuidados e alguém tenha o dever de lhos providenciar. A condenação do racismo, a tutela das minorias, a assistência aos prófugos e refugiados, a mobilização da solidariedade internacional em favor de todos os necessitados não passam de aplicações coerentes do princípio da cidadania mundial.

7. O bem da paz deve ser visto hoje em estreita relação com os novos bens que provêm do conhecimento científico e do progresso tecnológico. Também eles, por aplicação do princípio do destino universal dos bens da terra, devem colocar-se ao serviço das necessidades primárias do homem. Oportunas iniciativas a nível internacional podem dar plena actuação ao princípio do destino universal dos bens, garantindo a todos — indivíduos e nações — as condições básicas para participar no desenvolvimento. Isto tornar-se-á possível se se abaterem as barreiras e os monopólios que marginalizam tantos povos(11).

Mais ainda, o bem da paz será melhor garantido se a comunidade internacional assumir, com maior sentido de responsabilidade, aquilo que normalmente é designado por bens públicos, ou seja, aqueles bens de que gozam automaticamente todos os cidadãos, mesmo sem terem feito uma concreta opção pelos mesmos. É o caso, a nível nacional, de bens como, por exemplo, o sistema judicial, o sistema de defesa, a rede viária por estrada ou caminho-de-ferro. No mundo actual plenamente atingido pelo fenómeno da globalização, são cada vez mais numerosos os bens públicos que assumem carácter global e, consequentemente, aumentam também, de dia para dia, os interesses comuns. Basta pensar na luta à pobreza, na busca da paz e da segurança, na preocupação pelas alterações climáticas, no controlo do contágio das doenças. A tais interesses, a comunidade internacional deve responder com uma rede sempre mais ampla de acordos jurídicos, capaz de regulamentar o bom emprego dos bens públicos, inspirando-se nos princípios universais da equidade e da solidariedade.

(continua na pág. 3)

3º Domingo do Tempo Comum – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

**“Vinde e segui-Me
e farei de vós pescadores de homens.”
(Mt 4, 19)**

Chamados para quê?

Quantos chamamentos recebe cada um ao longo da vida? Do toque incómodo do despertador aos toques polifónicos do telemóvel, quantos apelos recebemos hoje que são outros tantos convites a estar vivo? Talvez hoje chamar seja "ligar", "dar um toque", receber um "sms", enviar um "e-mail".

Não existiu outro tempo na história em que tantos chamassem tantos! Mas o importante não só é a possibilidade de chamar e de ser contactado, é sim, chamar para quê? Só "para mandar um abraço", para dizer "tenho saudades (e só te deixei há 5 minutos)", para "lembrar uma coisa a fazer", para começar ou acabar de namorar, para dizer "estou vivo e espero que estejas também"!

Vocação é "chamamento", em latim. Supõe uma voz que chama e alguém que escuta. Precisa de silêncio para poder ser identificada, como as pequenas ondas de um lago, ou a brisa nas árvores que escaparam ao fogo da Arrábida. Sugere uma intimidade: alguém que nos conhece, uma voz que é familiar. E quando contém um desafio abre horizontes que não se medem em rotinas ou em lucros imediatos. Pedem ousadia e coragem, confiança e disponibilidade! Não respondemos já, algumas vezes, a estes chamamentos? À vida, que é feita de novidade e surpresa; a quem amamos, que tem mais beleza quando amadurece; ao trabalho, que multiplica o amor que lhe damos!

Por isso, há profissões que supõem uma vocação, pois nenhum saber irá dar o amor às pessoas que é necessário ter. E quanto mais funcionalizadas, mais burocratizadas, menos avaliadas estiverem, menos humanidade construiremos. A saúde e a educação tornam-se "bandeira" em todas as campanhas políticas; porque encontramos ainda, nestes dois campos, tantas pessoas que não amam aquilo que fazem, e se regem por privilégios intocáveis?

O chamamento dos primeiros apóstolos é, no mínimo estranho. Quanto a "ser pescador" eles entendiam: noites sem vento ou de temporal, redes cheias mas também dias sem apanhar nada, trabalho instável e perigoso, poucas perspectivas de desenvolvimento (e ainda não havia União Europeia)!. Mas o que significava "pescar homens"? Que mares seriam esses e com que redes os iriam pescar? Ousaram acreditar no Mestre! Não sabiam bem para onde iam mas gostavam daquele com quem iam. Às vezes sentiam que a vida pode ser como um mar que afoga, quando morrem os sonhos, e já julgamos normal as guerras e as injustiças. Um mundo assente na exploração, nos abusos de poder, na adoração das riquezas, na luta pela fama ainda que fugaz, não era o que Deus desejava. Talvez "pescar homens" fosse acreditar que a vida podia ser diferente. E eles foram com Jesus. Continuamos também nós a ir?

P. Vítor Gonçalves

João Paulo II preocupado com a quebra de participação na missa dominical

João Paulo II mostrou-se hoje preocupado com a quebra de participação na missa dominical, apelando aos católicos de todo o mundo para que façam da celebração “uma exigência profunda de cada um”.

Ao receber os participantes na assembleia plenária da Comissão Pontifícia para a América Latina, o Papa comentou o tema do encontro “A Missa dominical, centro da vida cristã na América Latina”.

“Não se pode viver a fé sem participar habitualmente na missa dominical, sacrifício da redenção, banquete comum da Palavra de Deus e pão eucarístico, coração da vida cristã”, assinalou.

O Papa destacou que os líderes da Igreja devem promover “um esforço renovado” para apresentar a centralidade do Domingo aos homens e mulheres do nosso tempo, “na vida eclesial e na vida social”.

“Para isso, é necessário centrar esforços numa melhor e mais cuidada instrução e catequese dos fiéis sobre a Eucaristia”, aconselhou.

Aos presentes, João Paulo II recordou ainda a necessidade de respeitar “as normas estabelecidas e as disposições propostas pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos”, evitando, assim, eventuais abusos litúrgicos.

Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem

*Mensagem de João Paulo II
para a celebração do Dia Mundial da Paz,
1 de Janeiro de 2005*

(Continuação)

8. Além disso, o princípio do destino universal dos bens permite enfrentar adequadamente o desafio da pobreza, tendo em conta sobretudo as condições de miséria em que vive ainda um bilião de seres humanos. A comunidade internacional propôs-se como objectivo prioritário, no início do novo milénio, reduzir para metade o número destas pessoas até ao ano 2015. A Igreja apoia e estimula este empenho e convida os fiéis crentes em Cristo a manifestar, de maneira concreta e em todos os âmbitos, um amor preferencial pelos pobres (12).

O drama da pobreza está estreitamente ligado também com a questão da dívida externa dos países pobres. Não obstante os significativos progressos alcançados até agora, a questão ainda não encontrou uma solução adequada. Transcorreram quinze anos desde quando chamei a atenção da opinião pública para o facto de que a dívida externa dos países pobres «está ligada de maneira estreita com um grande número de outros problemas, tais como o do investimento estrangeiro, do justo funcionamento das maiores organizações internacionais, do preço das matérias primas, e assim por diante»(13). Os recentes mecanismos para a redução das dívidas, mais preocupados com as exigências dos pobres, melhoraram sem dúvida a qualidade do crescimento económico. Mas este, por uma série de factores, é ainda quantitativamente insuficiente para se alcançarem os objectivos estabelecidos ao início do milénio. Os países pobres permanecem prisioneiros de um círculo vicioso: as baixas rendas e o lento crescimento limitam a poupança e, por sua vez, os fracos investimentos e o uso ineficaz da poupança não favorecem o crescimento.

(Continua)